

Nicholas Stargardt

**TESTEMUNHAS DA
GUERRA**
AS CRIANÇAS NO REGIME NAZI

Tradução de Jorge Beleza

L I S B O A :
TINTA-DA-CHINA
M M V I I

ÍNDICE

© 2007, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: tintadachina@netcabo.pt

www.tintadachina.pt

© 2005, Nicholas Stargardt

Título original: *Witnesses of War — Children's Lives Under the Nazis*

Autor: Nicholas Stargardt
Tradução: Jorge Beleza
Revisão: Paula Almeida
Composição e capa: Vera Tavares
Imagem da capa: AKG/Fotobanco

1.ª edição: Novembro de 2007

ISBN 978-972-8955-44-1
Depósito Legal n.º 266158/07

Agradecimentos 9
O direito a um nome 13
Personagens 15

INTRODUÇÃO 17

PRIMEIRA PARTE : A FRENTE INTERNA

Capítulo Primeiro
Os alemães em guerra 39
Capítulo Segundo
A juventude disciplinada 81
Capítulo Terceiro
O assassinio médico 109

SEGUNDA PARTE : A GUERRA RACIAL

Capítulo Quarto
O *lebensraum* 137
Capítulo Quinto
A grande cruzada 177
Capítulo Sexto
A deportação 211
Capítulo Sétimo
«O campo das famílias» 245

TERCEIRA PARTE : A GUERRA CHEGA À PÁTRIA

Capítulo Oitavo
Os bombardeamentos 281

<i>Capítulo Nono</i>	
Obrigados a sair	317
<i>Capítulo Décimo</i>	
O sacrifício final	353

QUARTA PARTE : DEPOIS DA GUERRA

<i>Capítulo Décimo Primeiro</i>	
Os derrotados	383
<i>Capítulo Décimo Segundo</i>	
Os libertados	423

Iconografia	459
Notas	479
Glossário de topónimos	537
Bibliografia	541
Índice onomástico	565

MAPAS

(Desenhados por Paul Simmons)

<i>A divisão da Polónia em 1939</i>	155
<i>Principais locais onde os nazis efectuaram perseguições e assassinios</i>	223
<i>Impacto dos bombardeamentos nas cidades alemãs (até 1944)</i>	311
<i>A frente oriental (1944-45)</i>	319
<i>O avanço das forças soviéticas sobre a Silésia (Janeiro de 1945)</i>	319
<i>A conquista da Prússia Oriental pelas forças soviéticas (Janeiro-Abril de 1945)</i>	338

Agradecimentos

Na Primavera de 1994, visitei o Museu Judaico de Praga para estudar a sua colecção de desenhos feitos pelas crianças do gueto nazi de Theresienstadt. No ano anterior tinha visto alguns deles numa pequena exposição na mesma cidade sobre o assassinio dos judeus checoslovacos, e conhecia outros através das publicações do museu. Porém, não fazia ideia do seu número nem da diversidade que apresentavam. Uns tinham sido feitos em papel de embrulho reciclado, outros em antigos impressos checoslovacos que datavam da época anterior à guerra, quando a cidade era uma fortificação militar. As cores não eram tão vivas como nas reproduções que vira, e ficou claro que seria muito fácil confundir as cores de que as crianças num gueto judaico dispunham com aquelas que tinham escolhido para exprimir emoções particulares. Dei por mim cada vez mais fascinado com os desenhos a traço de cenas da vida quotidiana das crianças, que na sua grande maioria nunca tinham sido apresentados ao público. Para compreendê-los, precisava de conhecer muito melhor as condições em que as crianças tinham vivido, e aqui dois investigadores que também tinham sobrevivido à guerra, Anita Franková, em Praga, e Erik Polák, em Terezín, foram guias imprescindíveis no que toca à documentação de arquivo do gueto.

Ao explorar inicialmente o que significa escrever história do ponto de vista de uma criança, convenci-me de que valia a pena fazê-lo, e perguntei-me então que tipo de fontes existiriam sobre outros grupos de crianças que viveram durante o mesmo período na Alemanha nazi. Uma licença de um ano na Alemanha, em 1997-98, deu-me a oportunidade de as descobrir. Algumas pistas não trouxeram bons resultados: a leitura dos arquivos da polícia de trânsito referentes aos anos 30 e 40 com o fim de ver como é que as crianças tinham estado a brincar quando se viam envolvidas em acidentes na rua acabou por ser uma maneira bastante morosa de verificar algo de que muitos

Introdução

Recordando a infância, Katrin Thiele não conseguia conciliar as suas memórias felizes com o que ficara a saber sobre a Alemanha nazi: «Será que todos os nazis que conheci, no fundo quase toda a gente de quem gostava, eram mesmo os animais nojentos mais tarde retratados?», perguntava-se. Como muitas outras crianças da sua geração, Katrin não era capaz de equiparar a esmagadora evidência do assassinio em massa a todos aqueles ideais nazis que «tinha sido ensinada a respeitar, noções como a abnegação e a dedicação ao dever»¹.

No caso de Katrin, o fim da guerra tinha destruído abruptamente um mundo familiar estável e confortável. O seu pai, que durante 12 anos fora um funcionário nazi e depois oficial da Wehrmacht, era procurado quer pela polícia militar americana quer pela polícia civil alemã. Preso por razões de que ela não poderia suspeitar, desapareceu da vida de Katrin nos três anos que se seguiram. Entretanto, a mãe de Katrin — nascida em Londres antes da Primeira Guerra Mundial — foi «repatriada» com os dois filhos para um país que estes sempre tinham visto como o seu inimigo nacional. Em 1946, com dez anos, Katrin deixou a Alemanha para ir viver em Inglaterra. De um dia para o outro, passou de Katrin Thiele a Kay Norris. A mudança de nome trazia consigo uma mudança em larga escala de língua, de identidade nacional, de tópicos de conversa admissíveis e de referências sociais à medida que Kay aprendia a ser uma aluna inglesa. As memórias, sobretudo da guerra, que irromperam quando Katrin contava apenas três anos, tiveram de ser guardadas na sua mente e bloqueadas até chegar o momento em que já as conseguisse explorar com maior segurança.

Apesar de os seus pais se terem posteriormente divorciado, Katrin teve oportunidade de visitar o pai por duas vezes e tentar compreender a súbita destruição da sua família. Em 1949, já com 13

anos, ela e o seu irmão mais velho, Udo, passaram um fim-de-semana com ele e a sua nova mulher durante as férias do Natal. Embora tenha sido uma reunião feliz em muitos aspectos, também a chocou profundamente. Tanto o seu domínio do alemão como a relação emocional com o pai tinham parado no ponto em que partira, três anos antes. Não conseguia exprimir as novas ideias e os novos conceitos que tinha adquirido em Inglaterra, ao passo que o pai parecia dar-se por satisfeito por voltar a ver a menina que tinha deixado. A imagem do pai também parecia bastante diferente da que Katrin guardava nas suas memórias e na sua imaginação. Já não era aquele homem enérgico, de feições duras e de uniforme, a pregar uma dedicação fanática à causa, mas também não era o prisioneiro destruído e sem esperança que ela imaginara durante os dois anos de encarceramento do pai. Em vez disso, tinha diante de si um homem calvo, com um ar mais cansado e mais pesado do que antes, mas que não parecia precisar da sua ajuda. Tinha refeito a sua vida, arranjado um bom emprego e uma encantadora casa nas montanhas de Harz, onde se tinha instalado com uma bela mulher — uma velha amiga da família — que há muito o adorava.

Katrin descobriu que não conseguia sondar aquilo em que o seu pai acreditava. O que tinha acontecido às profundas convicções que tão zelosamente tinha instilado nos seus filhos? Mesmo quando Katrin o foi visitar em 1956, durante as primeiras férias de Verão enquanto estudante em Oxford, deu por si a retroceder de novo para a trama emocional do «papá e a sua menina». Segundo o que via, do antigo nazi não restava senão uma profunda nostalgia pelo Terceiro Reich, em especial pelo tempo em que tinha sido soldado, e além disso recusava-se a aceitar a escala do genocídio cometido contra os judeus. Agora estabelecido no Canadá, parecia simplesmente ter adoptado um novo conjunto de princípios, tendo-se transformado num trabalhador e ambicioso novo membro da comunidade de imigrantes alemães. Katrin sentiu-se incompreendida. Ele não parecia perceber que a sua filha continuava a ser fiel às virtudes que nela tinha inculcado. Embora ela ainda reconhecesse as virtudes colectivas nazis do *pflicht*, da *treue*, da *wille* e do serviço prestado ao *volk* — o dever, a lealdade, a vontade e o serviço da nação — na boa conduta inglesa quotidiana do «respeito pelas regras», da «integridade», da «determinação» e do «fazer do mundo um lugar melhor», ele fazia pouco do seu idealismo sonhador. Nos seus dois países de língua inglesa de cada lado do

Oceano Atlântico, a geração que tinha construído a Alemanha nazi e a geração que por ela tinha sido formada estavam tão afastadas quanto é possível para um pai e uma filha que se amam².

Em alguns aspectos, a experiência de Katrin era menos diferente da dos seus contemporâneos que tinham ficado na Alemanha do que ela pensava. Muitas crianças alemãs da guerra também tinham dificuldade em falar com os seus pais, e especialmente em estabelecer contacto emocional com pais que tinham passado os anos de 1939 a 1948 na guerra ou em campos de prisioneiros de guerra. Durante a década de 50, havia muitos tópicos que eram evitados pelas famílias. Tratava-se da geração que tinha ficado mais profundamente marcada pelo Terceiro Reich. Frequentemente, os homens e as mulheres que tinham transportado a suástica pela Europa recordavam as suas memórias de infância sem a mácula dos emblemas e dos *slogans* nazis. Como o pai de Katrin, posteriormente muitos acharam mais fácil libertar-se desses valores e desses princípios que não teriam êxito no mundo do pós-guerra. Durante os seus anos mais formativos, os seus filhos só tinham conhecido aquele mundo e muitas vezes tinham assimilado valores e ditos que coexistiam com exortações para que se lavassem com cuidado, que olhassem pelas suas roupas e que fossem educados. Não admira que os membros desta geração sentissem que qualquer confronto sério durante o pós-guerra com o mundo que os seus pais tinham ajudado a construir ameaçava a sua identidade enquanto indivíduos responsáveis. Para muitos era mais fácil continuar a respeitar as regras e a servir os outros no seio das novas instituições da Alemanha Oriental e Ocidental³.

Na verdade, Katrin só resolveu investigar a história da sua família no início dos anos 90 e neste aspecto também não se distinguiu dos outros membros da sua geração. Tanto os filhos dos nazis em viagem como as crianças judias que sobreviveram aos guetos e aos campos da «solução final», muitas vezes, só escreveram as suas memórias quando se reformaram e começaram a pensar sobre a melhor maneira de falar aos seus netos nos acontecimentos que frequentemente tentaram esconder dos filhos.

Em 1988, os alemães ocidentais assinalaram o quinquagésimo aniversário do *pogrom* nazi contra os judeus alemães ocorrido na noite de 9 de Novembro de 1938, uma noite de violência popular e

assassínio, queima de sinagogas e pilhagem de casas e lojas, que totalizou quase cem mortos e viu 25 mil judeus serem enviados para os campos de concentração. Em 1988, de uma maneira hesitante e desajeitada, o governo da Alemanha Ocidental patrocinou uma comemoração nacional completa do aniversário, instigando muitas localidades a fazer o mesmo. No decurso do aniversário, Lore Walb, uma conhecida jornalista do sul da Alemanha, era mais do que nunca atormentada por sonhos com os judeus. Num sonho recorrente, era de novo uma jovem estudante em Heidelberg durante a guerra e um colega judeu dos tempos de escola aparecia-lhe à porta pedindo-lhe abrigo só por um dia ou dois. De cada vez que Lore Walb acordava do sonho, ainda não tinha tomado uma decisão. Filha de nazis convictos, tinha saído incólume da guerra, e depressa iniciara uma carreira na rádio, no sul da Alemanha.

Em 27 de Novembro de 1988, menos de três semanas após as comemorações principais da Noite de Cristal, Lore escrevia sobre um sonho diferente no seu diário. Tendo voltado a ser jovem, deu por si a andar pela rua ao lado de um homem judeu mais velho vestido com um casaco comprido, de chapéu de abas largas e com uma pêra no seu rosto delgado e simpático. Posando a mão no ombro ossudo do homem, Lore Walb apoiou a cabeça nele e disse, quase a chorar de alívio e alegria: «Estou tão contente por teres voltado!» Como tantos sonhos-desejos, o de Lore Walb apresentava o problema, não a solução. Os judeus não tinham voltado e ela não lhes podia pedir o seu perdão. E nem ela tinha ajustado contas consigo mesma nem se tinha perdoado. Em vez de encerrar este capítulo da sua vida, a jornalista reformada de 69 anos dava início àquilo a que, numa expressão sugestiva e carregada de remorso, chamava «as estações no caminho para o trabalho da memória»⁴.

O resultado da viagem de Lore Walb era uma espécie de confissão pública pela via da auto-análise privada, em que a mulher mais velha relia e comentava os seus próprios diários da juventude. Havia o álbum de fotografias de família que continha aquele momento de orgulho em 1932, quando a rapariga de 13 anos estivera diante do *führer*, no estádio local, debaixo do olhar de uma multidão de 25 mil pessoas. Depois, em Novembro de 1933, por ocasião do décimo aniversário do *putsch* da cervejaria de Hitler, havia a fotografia de um outro momento público, quando recitara um poema na presença dos mais importantes membros do governo da província responsáveis

pela educação. Quando a guerra eclodiu, deu início aos seus estudos universitários. Como quase toda a gente, Lore Walb celebrou a queda da França em Junho de 1940, compartilhando também o sentimento geral de ódio à Inglaterra por ter prolongado a guerra desnecessariamente. «Desta vez, o *führer* não devia ter compaixão», escreveu a 17 de Junho, «e devia deixar aos ingleses um forte aviso, pois eles e só eles são os culpados de toda a infelicidade e miséria em que tantas nações mergulharam.»

Depois de ter relido as entradas do seu diário, Lore Walb apercebeu-se de que na altura não possuía uma barreira interna que a impedisse de absorver e tornar suas essas frases cruciais de propaganda nazi. Após o ataque à União Soviética, até evitou falar sobre a morte dos rapazes do seu círculo de amigos, insistindo na importância militar e política da causa por que tinham morrido. O «bolchevismo», os «sub-humanos russos», os «fabulosos êxitos dos japoneses» contra a frota do Pacífico dos Estados Unidos, as suas próprias ideias sobre como convencer a mãe a deixá-la fazer um doutoramento e a sua simpatia pelos soldados alemães que congelavam na frente oriental — os clichés sucediam-se ao longo da página. A cada passo retirava dos *media* as frases cruciais de que precisava para enquadrar os acontecimentos, apropriando-se dos *slogans* e epigramas de Goebbels como se fossem as suas próprias reflexões pessoais. Meio século depois, mergulhada nos valores e realidades completamente opostos de outra época, esta confrontação com o seu passado nazi que aparentava não ter registado grandes acontecimentos foi um profundo choque moral⁵.

O diário de Lore Walb oferecia um abundante testemunho dessa atitude de envolvimento moral interno de que Katrin Thiele achava muito mais difícil desembaraçar-se em comparação com o seu nome, a sua nacionalidade e a sua língua. Até no final da guerra, quando soube que a sua vila tinha sido entregue aos franceses para evitar mais derramamento de sangue, Lore escreveu sobre a sua desilusão e não sobre o seu alívio. Independentemente do que a sua cabeça lhe ordenasse, o seu coração ainda estava apegado ao romantismo da lealdade e do sacrifício nacional. Quando, por fim, as autoridades locais desfraldaram bandeiras brancas, sentiu-se «profundamente envergonhada e humilhada»; escrevendo a 26 de Abril de 1945, demonstrava o seu pesar pelos «milhões de soldados que lutaram durante anos e ainda continuam a lutar para nada». Naquele momento nada fazia sentido⁶.

Quando Lore Walb inventariou aquilo de que tinha tomado conhecimento nas décadas após a guerra mas que não constava do seu diário — coisas como as centenas de milhares de detidos dos campos de concentração enviados para «marchas da morte» cada vez mais sem sentido pelos seus captadores, nos meses finais —, tentou imaginar a difícil situação dos que tiveram a sorte de sobreviver. E, no entanto, os rostos que a sua memória evocava quando pensava na guerra eram os dos jovens alemães que tinham morrido: Rolf, Günther, os irmãos Gerhard e Heinz, e Walter, outrora seu namorado, morto em combate em Viena durante a última semana da guerra. Como tantas outras mulheres nascidas entre 1909 e 1929, Lore Walb tinha outra razão para os recordar: não tinha sobrado ninguém com quem pudesse casar⁷.

Em Março de 1988, Martin Bergau juntou-se a outras crianças da guerra, agora de meia-idade, numa tranquila reunião de fim-de-semana em Colónia. Tratava-se do encontro anual das famílias de Palmnicken, uma pequena cidade que pertencera à Prússia Oriental, na península de Samland. A maior parte delas tinha fugido para ocidente antes da chegada do Exército Vermelho em 1945, e outras mais tarde; entre essas pessoas, Martin conheceu uma mulher que o fazia lembrar acontecimentos que tinha testemunhado quando tinha 15 anos e era membro da Juventude Hitleriana, naqueles dias fatídicos do início do ano de 1945. A mãe dela, Bertha Pulver, tinha escondido uma jovem mulher judia que sobrevivera a um massacre de prisioneiros — na maioria judeus — de um campo de concentração. Este massacre fora efectuado pela SS, com a ajuda das forças milicianas locais da Volkssturm, na orla do Báltico gelado. Após o massacre, a SS e a milícia local perseguiram as mulheres judias que tinham conseguido fugir da praia. Armados como se fossem membros da Volkssturm, Martin e alguns dos seus amigos adolescentes, todos eles membros da Juventude Hitleriana, tinham sido chamados pela SS para ajudar a vigiar uma fileira de mulheres judias numa mina abandonada, enquanto estas eram conduzidas aos pares para a parte lateral do edifício. Martin conseguia ouvir os tiros disparados pelos dois homens da SS que as matavam. Por fim, a fileira ficou tão curta que ele próprio, então com 15 anos, também as acompanhou até ao local. Enquanto observava as execuções, viu um dos seus camaradas da Juventude Hitleriana a caminhar por entre os corpos prostrados, disparando um revólver sobre todo aquele que ainda se movesse. Algumas mulheres que escaparam ao massacre no

gelo conseguiram evitar a captura e sobreviveram. Uma delas era a jovem mulher que Bertha Pulver tinha escondido⁸.

Instigado pelo seu encontro fortuito com a filha de Bertha Pulver, Martin Bergau começou a escrever as suas memórias dos anos da guerra e dos três anos em que foi prisioneiro de guerra na União Soviética. Ao contrário da resposta reflexa, ainda bastante comum na Alemanha, do «não saber nem ter visto nada» no que dizia respeito aos campos ou aos assassinios reais, Martin fez questão de incluir a descrição pormenorizada deste massacre dos prisioneiros de um campo de concentração no seu relato. Escreveu para os arquivos Yad Vashem, em Jerusalém, a pedir testemunhos de sobreviventes, que incluiu num apêndice especial das suas memórias. O livro não se tornou num *best-seller*.

Destes três memorialistas alemães, Martin Bergau foi o único caso em que a fase da adolescência coincidiu com o final assassino da guerra. A sua tarefa consistiu em registar a maneira como entendia o seu próprio envolvimento íntimo com a causa alemã, não no exame minucioso desse entendimento. O sentimento de culpa de Lore Walb resultou do facto de ela própria, então uma talentosa adolescente e jovem mulher, ter reconhecido que se tinha dedicado livremente aos preceitos e aos objectivos nazis, permanecendo-lhes fiel até ao fim. À medida que foi crescendo, o sentimento de culpa de Katrin não foi alimentado por algo que tivesse feito enquanto criança e durante a guerra, mas pelos seus receios relativamente àquilo que o seu pai poderia ter feito e que fosse a causa de ele ter sido preso. Nos anos 80, quando os historiadores começaram a entrevistar as crianças do Terceiro Reich, também eles se preocuparam principalmente com a exploração dos sentimentos de culpa que Katrin Thiele, Lore Walb e Martin Bergau tentavam abordar. Contudo, estavam mais interessados na resposta das crianças ao que os seus pais tinham feito durante a guerra do que nas suas próprias experiências individuais⁹.

Em todas as guerras, as crianças são vítimas. A única diferença que existe relativamente à Segunda Guerra Mundial foi o alcance sem precedentes desta evidência. Uma das fotografias mais famosas do Holocausto é aquela imagem da criança de mãos no ar que, sob a ameaça de uma arma, é conduzida ao *umschlagsplatz* do gueto de Varsóvia. Era apenas uma de entre 1,1 milhões de crianças que morreram na «solução final». Na Polónia ocupada e na União Soviética, milhares de crianças foram alvejadas por soldados e milicianos. Por toda a

Europa ocupada, e em especial no Leste, a fome e a doença mataram os mais idosos e os mais jovens. Em Hamburgo, Dresden, Elberfeld, Darmstadt e em muitas outras cidades alemãs, crianças e suas mães foram carbonizadas nos incêndios causados pelos bombardeamentos, ou morreram de frio durante as fugas em massa de civis alemães ao longo das estradas bloqueadas pela neve, a partir da Silésia e da Prússia Oriental, em 1945.

Uma parte do sofrimento das crianças tornou-se conhecida, mas há aspectos que permanecem relativamente desconhecidos. Uma vez que muitas pessoas só escrevem as suas memórias depois de estarem reformadas e dos seus filhos terem crescido, os anos 90 marcaram um ponto de viragem. Isto aplica-se quer às crianças austríacas que permaneceram junto das suas mães durante a guerra, quer às crianças judias que perderam toda a sua família no Holocausto. Para a primeira geração das crianças da guerra, o momento de contarem as suas histórias chegou durante os últimos dez anos.

Em 2002, foram publicados três livros que trouxeram de novo as dimensões do sofrimento alemão para a ordem do dia da discussão pública na Alemanha. *A Queda de Berlim*, de Antony Beevor, gerou celeuma em torno das violações perpetradas pelos soldados do Exército Vermelho no final da guerra. *A Passo de Caranguejo*, o romance de Günter Grass, chamou a atenção devido ao seu tratamento da fuga em massa, ao passo que *Der Brand**, de Jörg Friedrich, se centrava no bombardeamento das cidades. Nenhum destes livros focou pela primeira vez o assunto tratado, mas todos captaram a imaginação pública alemã de uma maneira que os seus antecessores não tinham conseguido. Friedrich foi o único a falar do sofrimento alemão durante a guerra em termos que o igualavam ao Holocausto, retratando Winston Churchill como um «criminoso de guerra», referindo-se às caves asfíxiantes que serviam de abrigos antiaéreos como «câmaras de gás», e chamando «*einsatzgruppen*» ao Comando de Bombardeiros da Royal Air Force, como se de assassinos da SS se tratassem. Após tanta discussão pública sobre a responsabilidade alemã no assassinio dos judeus, a maior parte dos comentadores considerou esses termos inaceitáveis e rejeitou veementemente qualquer tentativa de igualar o sofrimento dos alemães ao dos judeus. Porém, outros elementos do vocabulário de Friedrich, em especial a sua ênfase mais geral na ino-

* *O Incêndio*, sem edição portuguesa (n. do t.).

cência, na vitimização e no trauma, foram objecto de uma aceitação generalizada, o que deu o tom à panóplia de obras agora publicadas baseadas em entrevistas com crianças da guerra. Pela primeira vez, os entrevistadores quiseram que elas falassem das suas próprias histórias, e não ouvir o que tinham a dizer acerca dos feitos dos pais, a maioria dos quais já morreu. No meio da conversa acerca de «quebrar o silêncio», a nova ênfase tem recaído sobre os piores momentos das suas guerras, sobre os bombardeamentos, as fugas e a fome. Dar voz ao sofrimento das crianças alemãs inocentes pode fazer com que as suas memórias soem como as dos sobreviventes do Holocausto, dando azo ao «fortalecimento» das vítimas, ao conceder-lhes uma posição moral elevada e um reconhecimento político¹⁰.

Em muitos aspectos, esta evocação do sofrimento das crianças inocentes não é tão nova como parece. Na Alemanha Ocidental, a fuga em massa das províncias de leste e as violações em massa perpetradas pelo Exército Vermelho receberam uma enorme cobertura nos anos 50. Embora, na Alemanha Ocidental, o bombardeamento em massa pelos novos aliados ingleses e americanos do país se tenha tornado rapidamente num assunto que não era abordado, na Alemanha Oriental fez parte das comemorações da Guerra Fria. No início dos anos 50, a perspectiva da criança também era apelativa para escritores da Alemanha Ocidental como Heinrich Böll, que procuravam símbolos de esperança no mundo do pós-guerra. Mas como Marcel Reich-Ranicki — crítico literário e sobrevivente do gueto de Varsóvia — observou, numa crítica mordaz às primeiras obras de Böll, o horizonte limitado da criança também podia servir de desculpa para fugir a todas aquelas questões mais importantes levantadas pela guerra de aniquilação que os nazis travaram no leste¹¹.

Nos anos 50, à medida que novas identidades nacionais iam sendo encorajadas na Polónia, em Israel e na Alemanha Ocidental, o sofrimento dos inocentes constituía, com frequência, a matéria-prima para parábolas de renovação moralmente edificantes. Na Polónia, esta maneira de encarar as enormes perdas do país durante a guerra e a ocupação alemã ligava-se a uma tradição mais antiga, que via a nação, o seu martírio e ressurreição nos termos da Paixão de Cristo. Esta tradição era, no entanto, atacada pelo partido estalinista no poder, que preferia centrar-se no heroísmo da resistência e que ao mesmo tempo hostilizava os testemunhos de forças nacionalistas muito mais numerosas, como o exército nacional. Na Alemanha Ocidental, as

histórias das pessoas de etnia alemã que foram expulsas da Europa de Leste e dos prisioneiros de guerra que passavam fome nos campos soviéticos eram por vezes formuladas como uma espécie de expiação protestante. Com o seu sofrimento, muitos alemães dos anos 50 sentiam que já tinham pago as suas dívidas morais, geralmente não especificadas. No novo estado de Israel, o genocídio, enquanto facto, estava na base da sua própria fundação, mas num país que considerava as forças armadas vitais para a sua existência, muitos israelitas também temiam que os judeus europeus aquiescessem passivamente à sua própria chacina; assim, durante a primeira década e mesmo depois, as comemorações recaíram exclusivamente sobre a resistência heróica, como no caso da sublevação do gueto de Varsóvia. Pouco depois do fim da guerra, na Polónia e na Alemanha, procedeu-se à recolha dos escritos das crianças e à exposição dos seus desenhos; em Israel, as comemorações far-se-iam esperar: a própria escala da tragédia deverá ter sido demasiado dolorosa para poder ser contemplada¹².

Confrontados com tal sofrimento, é natural que recorramos a uma noção como o trauma para compreendermos o seu impacto. É certo que muitas crianças, bem como muitos adultos, devem ter ficado traumatizados com as suas experiências, mas também é verdade que é muito difícil aplicar o trauma ao passado. Como a vitimização, sua vizinha cultural, o trauma é frequentemente tratado como um absoluto psicológico e moral. Ambos barram o passado, dizendo-nos o que vamos encontrar antes de começarmos a procurar. Além disso, o trauma é um conceito que foi concebido para compreender indivíduos, não sociedades inteiras. Quando historiadores que se dedicam à história oral e que trabalham sobre outros temas ouvem histórias e conduzem entrevistas, os mais dados à auto-reflexão notam semelhanças entre o seu trabalho e o dos psicanalistas e psicoterapeutas, o que em geral fez com que se tornassem mais cautelosos (e não menos) relativamente ao carácter final e definitivo dos relatos dos seus entrevistados. Também aqui essa cautela é aconselhável¹³.

Em vez disso, a partir dos anos 60 houve uma forte tendência na República Federal da Alemanha para tratar o próprio debate público como uma espécie de terapia social, como se, por si só, *discutir* o passado nazi, o Holocausto, a colaboração com a Stasi na antiga Alemanha de Leste, ou — mais recentemente — o sofrimento dos alemães durante a guerra vá expurgar e curar a sociedade dos seus efeitos. Quando Lore Walb e Martin Bergau se debruçaram sobre as

questões da responsabilidade relativamente ao nazismo e ao Holocausto, fizeram a si próprios perguntas muito difíceis que envolviam um equilíbrio precário entre as memórias recônditas da infância e as posições morais da idade adulta. Ao contrário, pouco autoquestionamento é exigido às testemunhas quando ao sofrimento da sua infância é atribuído o estatuto inquestionável de «testemunho de um sobrevivente», o que acaba por resvalar facilmente para perspectivas redentoras como as que eram correntes nos anos 50, fundadas na crença de que o sofrimento enobrece as pessoas ao ajudá-las a emendarem-se, uma afirmação duvidosa quando aplicada a um conflito tão destrutivo como a Segunda Guerra Mundial¹⁴.

Toda esta ênfase no sofrimento inocente também pode fazer com que as crianças pareçam estranhamente passivas nos relatos do mal que lhes fizeram, sendo os objectos e não os sujeitos da história. No entanto, a maior parte delas foi ainda assim capaz de interagir com o meio onde se encontrava, vivendo a guerra envoltas numa teia de relações sociais: se quisermos encontrar os seus desejos e as suas respostas aos acontecimentos, é aqui que devemos procurar. De um ponto de vista histórico, é preferível limitar o emprego do «trauma» a casos extremos que não podem ser explicados de outra maneira — como o caso da menina alemã que só pensava em resgatar os seus sapatos dos escombros da casa, ou o da menina polaca de cinco anos que teve de ser ensinada a falar depois de ter sido libertada de um campo de concentração¹⁵.

As crianças criaram as suas próprias cronologias da guerra baseando-se em momentos-chave — os momentos em que a *sua* guerra se tornou real. O instante exacto em que o seu mundo desabou transformou-se num momento definidor, separando a guerra de uma «época de ouro» anterior. Para as crianças judias na Alemanha, na Áustria e nos territórios da Checoslováquia, é quase certo que esse momento tenha chegado antes da guerra, frequentemente com a emigração, em especial se implicou separações no seio da família. Para as polacas, esta situação foi comum nos anos de 1939-40 com os fuzilamentos em massa, as deportações e — no caso dos judeus polacos — a «guetificação». Para as crianças alemãs nas cidades da Renânia e do Rur, chegou com os pesados bombardeamentos de 1942. Para as crianças nas províncias alemãs de leste, terá normalmente ocorrido com as fugas em massa de 1945. Para muitas outras crianças alemãs e austríacas, o seu mundo intacto e seguro só acabou com a ocupação

e com a queda do Terceiro Reich: para elas, os acontecimentos que mais provavelmente deram forma ao seu sentido interno do tempo terão sido a capitulação de 8 de Maio de 1945 e os anos de fome que se seguiram, e não tanto o período nazi propriamente dito.

Como as memórias das crianças em relação à Alemanha nazi as separavam entre as que a recordavam como uma época de normalidade e as que a relembavam com medo e horror, os acontecimentos exactos que evocavam eram importantes, na medida em que eram as datas e os acontecimentos que delimitavam essa fronteira emocional. Muitas vezes, a transposição da fronteira anunciava o momento em que as crianças tiveram de assumir as responsabilidades dos seus pais cuidando dos irmãos, dos pais, ou tornando-se pedintes ou contrabandistas para alimentarem as suas famílias. Num dado momento — quando os pais sucumbiram à fome nos guetos judaicos, quando fugiram à frente do Exército Vermelho durante os nevões de 1945 ou enquanto se escondiam nas suas caves durante os bombardeamentos —, muitas crianças arcaram com responsabilidades prematuras. Essa consciencialização fez com que ficassem ligadas às famílias — e em especial às mães — por muito mais tempo do que aconteceria em circunstâncias normais¹⁶.

A maioria das crianças não vivenciou estas coisas isoladamente, e, em especial no caso das mais novas, as memórias desses momentos decisivos seriam moldadas pelas histórias que mais tarde lhes contaram sobre elas próprias. Tal não aconteceu a muitas crianças judias, pois, das que sobreviveram à guerra, poucas eram as que tinham ainda familiares próximos e a maior parte emigraria da Europa Continental, embarcando em viagens rumo ao autoconhecimento, que teriam de cartografar por meio de línguas e tradições que não lhes eram familiares. Contudo, para a maior parte das crianças europeias e para as suas famílias, a reconstrução do pós-guerra foi um assunto nacional e familiar, e as suas memórias e muita da sua capacidade para a empatia seriam exclusivamente veiculadas através das suas comunidades nacionais e étnicas do tempo da guerra: não haveria um consenso europeu relativamente ao que significavam os anos de 1939, 1940, 1941 ou 1945, ou ao que representava uma vitória, uma derrota ou uma libertação. O verdadeiro impacto do Terceiro Reich pode ser medido pela maneira como os hábitos de pensamento permaneceram intactos muito depois dos seus símbolos exteriores e estruturas terem sido desmantelados.

Os objectivos dos nazis eram acima de tudo racistas e nacionalistas, mas eles projectaram-nos no futuro através da enorme importância que atribuíam à infância. As crianças constituíam uma medida crucial do êxito dos nazis na realização das suas visões utópicas. Viam na criança alemã de raça pura, com uma boa instrução e proba, o futuro racial da nação, e estavam bem cientes de que esta era a primeira geração que poderiam educar e formar a partir da infância. Durante a guerra, este processo implicou todo um conjunto de medidas, desde inscrever crianças de dez anos nos ramos juniores da Juventude Hitleriana e da Liga das Raparigas Alemãs — a Jungvolk e a Jungmädel —, crianças estas que eram mandadas apanhar ervas medicinais, até arranjar lugar para os deslocados nos lares para crianças e dar-lhes suplementos alimentares especiais. Em termos mais gerais, o regime tentou escudar a frente interna e torná-la tão «normal» quanto possível.

A educação dos jovens alemães também implicava protegê-los das influências prejudiciais. Os que abandonavam a escola e os delinquentes tinham de ser retirados da sociedade até serem reeducados com vista a levarem uma vida de dever e diligência. As crianças deficientes tinham de ser excluídas, e no Verão de 1939 Hitler lançou uma campanha em que ordenava ao pessoal médico que as matasse nos asilos do país. Uma vez que o futuro racial da Alemanha passou a ser a única medida do valor e da utilidade, os nazis abandonaram todos os outros critérios éticos no seu tratamento das crianças.

As campanhas no Leste, primeiro na Polónia, em 1939, e depois na União Soviética, a partir de 1941, abriram o caminho à colonização por parte de alemães, uma colonização que se pretendia tão permanente como a colonização branca na América, na Australásia ou na África do Sul. Os adolescentes podiam preferir ler romances exóticos sobre a África colonial, mas os rapazes e as raparigas da Liga das Raparigas Alemãs, da Juventude Hitleriana, da Liga dos Estudantes e do Serviço de Trabalho ajudaram a polícia e a SS a expulsar camponeses polacos e a estabelecer pessoas de etnia alemã nas terras desses camponeses. As crianças de escola deslocadas para os territórios recentemente anexados da Polónia Ocidental, da Boémia e da Morávia efectuaram as suas próprias marchas pelas vilas polacas e checoslovacas, demonstrando simbolicamente a presença alemã em todos os seus dias nacionais. E aí dos habitantes locais que não descobrissem as cabeças perante as bandeiras da Jungfolk ou da Juven-

tude Hitleriana enquanto estas marchavam a cantar «Deutschland, Deutschland über alles».

Para as crianças polacas e polacas judias, a colonização destruiu toda a estrutura de normas legais, substituindo-a por uma lei arbitrária, por decreto. Assistiram à humilhação dos idosos, e foram frequentemente obrigadas a trabalhar na limpeza da neve no Inverno e na reparação das estradas no Verão. Em vez de receberem instrução, passaram a conhecer um sistema racial de racionamento e segregação. Em ambos os lados do fosso cada vez mais profundo entre gentios e judeus, as crianças faziam contrabando de comida e negociavam no mercado negro, e as redes que os jovens contrabandistas judeus montaram em Varsóvia e noutras cidades constituíram um dos poucos meios de fuga que eles possuíam. Na altura em que Martin Bergau testemunhou o massacre das mulheres judias em Palmnicken, em Janeiro de 1945, até as crianças alemãs nos locais mais recônditos da Prússia Oriental rural se tinham familiarizado com os extremos da violência racial nazi.

No final, o regime «devoraria» algumas das próprias crianças que tinha procurado proteger da poluição racial e dos raids aéreos. Na última fase da guerra, o regime nazi convocaria os adolescentes alemães para que se sacrificassem no «altar da pátria», enviando raparigas adolescentes para as baterias antiaéreas e rapazes para combater os tanques soviéticos. Com este clímax suicidário do culto nazi do romantismo gótico, o regime convocou as últimas reservas de idealismo juvenil que tinha cultivado e enviou os jovens para a morte. Na sua destruição obstinada residiam algumas das sementes do mito do pós-guerra segundo o qual a nação alemã tinha sido vítima dos nazis. Porém, como o diário de Lore Walb testemunhava, a atracção por gestos heróicos e funestos transcendia em muito o *bunker* do *führer* em Berlim. Com a quebra do pilar do poder do estado, esta destruição não podia ter acontecido sem o apoio tácito e a cooperação de muitas pessoas, incluindo, com bastante frequência, as próprias famílias dos jovens.

De que maneira esta transformação ocorreu? Como é que um número considerável de alemães pôde acreditar que o esforço nacional valia o preço das vidas dos seus filhos adolescentes? Uma das respostas poderá ser que não acreditavam, que o regime nazi se baseou unicamente no terror até ao fim. Há alguma verdade nisto, pois das 16 mil execuções judiciais levadas a cabo na Alemanha nazi, mais

de 14 mil tiveram lugar após 1941. Mas os alvos principais foram os polacos e os checoslovacos, não os alemães. Os alemães que foram executados seriam provavelmente pequenos criminosos apanhados a roubar após os raids aéreos e não opositores políticos ou adeptos do derrotismo. Desde o início da guerra, a disciplina militar alemã fora muito mais draconiana do que a das potências ocidentais ou a prática alemã durante a Primeira Guerra Mundial: durante a guerra foram executados aproximadamente 33 mil soldados alemães — a maior parte desertores, e provavelmente metade nos 12 a 18 meses finais da guerra. Quer contra soldados quer contra civis alemães, o terror atingiu o seu auge nos meses finais da guerra, quando o regime e as suas forças armadas se esforçavam para conseguir conquistar mais território alemão, região a região. Mas nem só o terror fazia os alemães continuar a lutar: mesmo nesta fase final, frequentemente, tanto soldados adultos como adolescentes continuavam a combater em pequenos destacamentos, sem ninguém mais que não os seus oficiais e os seus pares para impedir que fugissem. Nos últimos quatro meses da guerra morreu mais de um milhão de soldados alemães. O Terceiro Reich só desabou quando foi militarmente vencido¹⁷.

Este clímax não poderia ter sido previsto a partir das respostas dos alemães aos primeiros anos da guerra. As vitórias fáceis de 1939 e 1940 sobre a Polónia, a Dinamarca, a Noruega, os Países Baixos, a França, a Bélgica e o Luxemburgo eram motivo de júbilo, mas também de alívio pelo facto de a guerra ter sido mais breve e ter custado muito menos baixas do que se receava. Os bombardeamentos dos Aliados e a guerra na frente oriental vieram mudar tudo isto, confrontando a sociedade alemã com um doloroso e terrível teste à sua resistência no final de 1942. A norte e a oeste, os raids aéreos em massa afectaram todos os habitantes das vilas e cidades que se encontravam na sua rota. O ruído plangente das sirenes dos raids aéreos enviava as famílias, trôpegas, para caves claustrofóbicas e apertadas, frequentemente várias vezes durante a noite, onde ficavam à espera de ouvir se da próxima vez os aviões atacariam. À medida que as cidades alemãs ardiavam, ficavam reduzidas a escombros, o número de militares e civis mortos crescia, e muitos adultos e adolescentes convenciam-se de que estavam de facto perante uma guerra de aniquilação travada contra o povo alemão por inimigos implacáveis. O tom apocalíptico do «tudo ou nada» que os discursos de Hitler sempre tinham patenteado adequava-se agora mais do que nunca às circunstâncias da

«guerra total». Enquanto adolescentes e jovens adultos como Lore Walb juravam fidelidade e dedicação nos seus diários de civis, muitas pessoas mais velhas sentiam que estavam irremediavelmente presas ao destino da sua nação. Mas muitas daquelas que poderiam ter desaprovado o *pogrom* contra os judeus em Novembro de 1938, estavam agora prontas para concordar com os *media* alemães e atribuir os bombardeamentos à influência dos judeus em Washington e Londres. E sabiam que a «guerra total» exigiria sacrifícios: já em Fevereiro de 1943, os pais aceitavam que os seus filhos de 15 anos manobrassem baterias antiaéreas ao longo da costa do Mar do Norte ou em cidades como Essen, Berlim e Hamburgo. Muitos desses jovens morreram em combate antes da frente interna alemã ter sido submetida ao terror nazi.

A «comunidade nacional» nazi deixava-se atravessar por contradições reais e retóricas. As exigências de sangue e de sacrifício militar por parte do regime eram absolutas, e no entanto o mesmo regime era extraordinariamente tímido quando se tratava do moral dos civis. Desesperado por evitar a repetição do colapso da frente interna de 1918, o regime de Hitler esforçava-se por assegurar uma espécie de pseudonormalidade, mantendo as rações dos civis ao nível mais elevado da Europa dos tempos da guerra. Na frente interna, cada vez mais, a mão-de-obra sujeita a trabalhos forçados e os prisioneiros do Leste teriam de suportar os «sacrifícios desumanos» a que os civis alemães eram poupados. Muitos dos alemães retratados em fotografias tiradas nas cidades bombardeadas aparecem de uniforme, vigiando os prisioneiros dos campos de concentração e as pessoas sujeitas a trabalhos forçados que tinham de se encarregar da limpeza após os raids aéreos. Quanto mais a guerra durava e piorava, mais trabalhadores estrangeiros eram executados em público, primeiro pelas forças de segurança, e nas semanas finais da guerra em linchamentos populares. O racismo nazi precisava do medo da derrota e dos «bombardeamentos de terror» para convencer os outros a partilhar a sua perspectiva maniqueísta do «matar ou ser morto». Através da exposição diária à violência racial numa sociedade que lutava pela sua sobrevivência, aqueles sectores da frente interna alemã que tinham sido menos nazis durante os anos 30 — as cidades industriais do norte, o Rur e a Saxónia — foram absorvendo gradualmente esses valores que desde o início tinham estado no âmago do conceito de conquista racial de Hitler¹⁸.

Quando as crianças tomaram consciência da guerra, registaram-na como um conjunto de acontecimentos físicos sem precedentes, ao mesmo tempo espectaculares e aterrorizadores. Com um sentido do perigo e da ameaça diferente do dos adultos, ficavam frequentemente maravilhadas ante o panorama dos fogos que consumiam as cidades onde viviam, e até os adolescentes competiam entre si para ver quem apanhava mais estilhaços de bombas quando iam para a escola na manhã seguinte. A sua idade e a sua capacidade de assimilar o que tinham visto dividiam-nas em grupos bem distintos. Enquanto as mais novas pareciam muitas vezes ter ficado com imagens realistas mas fragmentárias, as mais velhas esforçavam-se por formar ideias abstractas sobre o que lhes estava a acontecer: fazendo uso das informações que recolhiam da rádio, da Juventude Hitleriana, dos seus pais e professores, retiravam uma moral da situação difícil em que a sua nação se encontrava, redobrando muitas vezes os esforços para ajudar a combater incêndios ou a organizar «sopas dos pobres» para os refugiados dos bombardeamentos. É frequente dizer-se que, ao apresentarem um conjunto predefinido de preceitos autoritários aos adolescentes, os nazis impediram-nos de desenvolver o sentido da responsabilidade; mas também se poderia afirmar que inculcaram um sentido excessivo de obrigação moral, uma responsabilidade pessoal para contribuir para o esforço de guerra que veio a culminar na vontade de sacrificarem as suas vidas e as de outros durante os meses finais da guerra¹⁹.

Graças à capacidade de pressentir o futuro própria das crianças, o meu irmão chamava aos nazis «os maus», e foi como tal que ouvi falar deles pela primeira vez. O meu pai nascera numa família socialista e judia assimilada, em Berlim. A cidade de onde por fim emigrou, em 1939, continuou a ser a sua grande paixão. Fazíamos-lhe muitas vezes perguntas sobre a sua infância durante o final dos anos 20 e o início dos anos 30. As suas próprias memórias políticas mais antigas datavam de quando se sentava dentro da estante do avô a ouvir atentamente os adultos que se encontravam na sala — entre os quais se contavam sociais-democratas eminentes —, que discutiam como deveriam reagir ao golpe de Von Papen na Prússia, em 1932, e de que maneira poderiam defender a República. Quando Hitler chegou ao poder, o meu pai estava em plena adolescência, e num determinado

dia foi severamente repreendido por se ter distraído e assobiado «A Marselhesa» enquanto subia as escadas para ir visitar um primo que se tinha juntado a um grupo de resistentes de esquerda. Como muitos refugiados e exilados, conservara grande parte do seu universo moral e intelectual intacto. Durante o resto da sua vida, continuou a identificar-se com as causas da esquerda e com a «outra Alemanha» que não tinha votado nos nazis em 1933 e que os historiadores sociais tanto fizeram para redescobrir desde os anos 70²⁰.

O meu irmão e eu gostávamos de dizer a brincar que, se não fosse Hitler, nunca teríamos nascido, pois nesse caso os nossos pais não se teriam conhecido na Austrália, nos anos 50. Também sabíamos que o nosso pai tinha tido a sorte de sobreviver a Hitler, mas só quando li uma análise estatística das baixas militares alemãs é que me apercebi do que significava sobreviver a Hitler para os homens da sua geração que *não* eram judeus. Dos seus contemporâneos nascidos em 1920, 40 por cento morreram na guerra, sendo que metade desses homens morreram em 1944 e 1945: 1920 foi o pior ano do século xx para se nascer na Alemanha. Este livro começa depois de o meu pai já ter deixado a Alemanha, e depois de o seu amigo não judeu mais próximo que deixou para trás — com quem tinha assinalado a vermelho todos os erros gramaticais de uma antiga edição de *Mein Kampf*, de Hitler — ter servido no exército alemão. Foi morto por uma mina terrestre no início de 1945. Mas não é desta geração que este livro se ocupa em primeiro lugar.

Aquilo de que aqui me ocupo prende-se com algo que as histórias do meu pai despertaram em mim: uma procura de empatia e compreensão na história. Quanto mais dava por mim em desacordo com alguns dos meus temas, mais exigente essa procura se tornava. Mas o esforço também parecia ser mais compensador: é fácil identificarmo-nos com vítimas nobres, mas é difícil colocarmo-nos na pele e na mente de um rapazinho que se dedica ao mercado negro, ou de uma rapariga que se imagina pronta para sacrificar a sua vida e a do seu irmão no «altar da pátria». É difícil imaginar em que pensaria um rapaz de 15 anos enquanto vigiava mulheres que esperavam para ser fuziladas.

Enquanto pensava como poderia recuperar o que significava ser criança sob o domínio alemão durante a Segunda Guerra Mundial, senti a necessidade de confrontar aquilo que os adultos recordavam das suas infâncias com fontes contemporâneas. De que outro modo

podemos saber o que foi retido e o que foi esquecido? Como poderíamos distinguir entre aquilo que eram os significados e os valores que as crianças tinham atribuído aos acontecimentos da época e o que o mundo adulto à sua volta as tinha induzido a pensar? Ao longo da última década, tentei localizar trabalhos de escola feitos por crianças, diários de jovens, cartas enviadas de campos de evacuação, cartas destinadas a pais na frente de combate, cartas enviadas de reformatórios e asilos psiquiátricos, arte infantil do gueto judaico de Theresienstadt e das aldeias alemãs da Floresta Negra, bem como relatos das brincadeiras das crianças feitos por adultos. Este tipo de fontes é sempre fragmentário, pois ilustra realisticamente alguns aspectos das actividades das crianças enquanto deixa outros na penumbra. Mas também é particularmente valioso, pois incorpora experiências e emoções sob a forma em que foram exprimidas na época, e não apenas tal como mais tarde foram recordadas.

Os romancistas podem «saber» coisas sobre os temas que abordam de que os historiadores não têm conhecimento. Enquanto aqueles podem ter certezas sobre a lógica emocional que está em jogo nas suas personagens, o historiador tem de ter em conta o carácter aberto das vidas dos protagonistas reais. Afinal, os romancistas não precisam de confrontar as suas intuições com uma panóplia de fontes incompletas. Estes constrangimentos dão à compreensão histórica uma qualidade diferente, e dei por mim constantemente a pensar que as testemunhas não estão ali só para ilustrar os argumentos favoritos dos historiadores, mas obrigam-nos a questionar de novo aquilo que pensamos que sabemos. Estas coisas são importantes, pois de outro modo não podemos dar a forma apropriada a fragmentos de sociedades despedaçadas pelas suas experiências da guerra e do Holocausto.

Grande parte dessa destruição foi completamente intencional: os nazis punham em prática uma visão utópica da colonização alemã na qual as crianças seriam salvas ou condenadas de acordo com o seu valor racial. Mas reconstruir o que aconteceu às crianças, já para não falar do que sentiram, é uma tarefa complexa e delicada. E que também implica quebrar um tabu académico. Por boas razões de empatia e de justiça moral, no geral, os historiadores do Holocausto centraram-se sempre exclusivamente ou nas vítimas ou nos perpetradores. Mas como os historiadores do nazismo se têm vindo a aperceber, o Holocausto permeou a sociedade alemã mesmo quando era quase completamente invisível para pessoas da época, como

Lore Walb. Só poderemos entender a dimensão das transformações operadas sobre os colonizadores e os colonizados se atribuirmos a mesma importância às suas vidas e aos seus pontos de vista. Uma vez que o Terceiro Reich marcou as suas vidas de uma maneira tão profunda, as crianças são sujeitos particularmente apropriados para essa história. A sua capacidade de encarar o excepcional como normal revela quão profundamente o nazismo se entranhou na sociedade, dividindo-as entre as que estavam destinadas a comandar e as que estavam destinadas a servir, e em última instância entre as que viveriam e as que morreriam. As experiências das crianças merecem ser compreendidas transversalmente às divisões raciais e nacionais, não pelas suas semelhanças, mas porque os seus contrastes extremos nos ajudam a ver a ordem social nazi como um todo. Elas não foram só as testemunhas mudas e traumatizadas desta guerra ou as suas vítimas inocentes. Também viveram na guerra, brincaram e apaixonaram-se durante a guerra: a guerra invadiu-lhes a imaginação e foi travada dentro delas.

PRIMEIRA PARTE

A Frente Interna



8. Aleksandra Łabanowska, 9 anos, Inowrocław, Polónia:
«As recordações tristes da mamã em Ravensbrück».



9. S. Kwiatkowski, 13 anos, Varsóvia, Polónia: «Execução».



10. Campo alemão para crianças polacas em Łódź.



11. Crianças judias brincam aos polícias dos
guetos no gueto de Łódź.



12. Crianças judias brincam na rua Krochmalna, no gueto de Varsóvia.

- Wette, Wolfram, Ricarda Bremer e Detlef Vogel (orgs.), *Das letzte halbe Jahr: Stimmungsberichte der Wehrmachtpropaganda 1944/45*, Essen, 2001.
- Wierling, Dorothee, «“Leise versinkt unser Kinderland”: Marion Lubien schreibt sich durch den Krieg», in Ulrich Borsdorf e Mathilde Jamin (orgs.), *Überleben im Krieg: Kriegserfabrungen in einer Industrieregion 1939-1945*, Reinbek, 1989, 67-84.
- Wildenthal, Lora, «Race, Gender and Citizenship in the German Colonial Empire», in Frederick Cooper e Ann Stoler (orgs.), *Tensions of Empire: Colonial Cultures in a Bourgeois World*, Berkeley, 1997, 263-83.
- Wildt, Michael, «Gewalt gegen Juden in Deutschland 1933 bis 1939», *Werkstattgeschichte*, 18, 1997, 59-80.
- Idem*, *Generation des Unbedingten: Das Führungskorps des Reichssicherheitshauptamtes*, Hamburgo, 2002.
- Wilhelm, Hans-Heinrich, *Rassenpolitik und Kriegführung*, Passau, 1991.
- Winkler, Dörte, «Frauenarbeit versus Frauenideologie: Probleme der weiblichen Erwerbstätigkeit in Deutschland 1930-1945», *Archiv für Sozialgeschichte* 17, 1977, 99-126.
- Winter, Jay, e Jean-Louis Robert (orgs.), *Capital Cities at War: Paris, Londres, Berlin, 1914-1919*, Cambridge, 1997.
- Wiśniewska, Anna, e Czesław Rajca, *Majdanek: The Concentration Camp of Lublin*, Lublin, 1997.
- Wnuk, Józef, e Helena Radomska-Strzemecka (orgs.), *Dzieci polskie oskarżają (1939-1945)*, Varsóvia, 1961.
- Wyka, Kazimierz, *Życie na niby: Szkice z lat 1939-1945*, Varsóvia, 1957.
- Yahil, Leni, *The Holocaust: The Fate of European Jewry, 1932-1945*, Oxford, 1990.
- Yelton, David K., *Hitler's Volkssturm: The Nazi Militia and the Fall of Germany, 1944-1945*, Lawrence, Kansas, 2002.
- Yoder, Jennifer, «Truth about Reconciliation: An Appraisal of the Enquete Commission into the SED Dictatorship in Germany», *German Politics*, 8/3, 1999, 59-80.
- Young, James, *The Texture of Memory: Holocaust Memorials and Meaning*, New Haven e Londres, 1993.
- Zapruder, Alexandra (org.), *Salvaged Pages: Young Writers' Diaries of the Holocaust*, New Haven e Londres, 2002.
- Zeidler, Manfred, *Kriegsende im Osten: Die Rote Armee und die Besetzung Deutschlands östlich von Oder und Neisse 1944/45*, Munique, 1996.
- Ziemian, Joseph, *The Cigarette Sellers of Three Crosses Square*, Londres, 1970.
- Zimmermann, Michael, *Rassenutopie und Genozid: Die nationalsozialistische «Lösung der Zigeunerfrage»*, Hamburgo, 1996.
- Zinnecker, Jürgen, *Jugendkultur 1940-1985*, Opladen, 1987.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- AACHEN: 61, 309, 317, 367, 395, 401, 450
 Abramovsky, Lev: 187-8, 190
 Adler, Hans Günther: 256
 Ajuda à Juventude Judaica: 47
 Aldeia Internacional das Crianças
 Pestalozzi: 309, 456-7
 Aleksievich, Svetlana: 336
 Alemanha de Leste: 26, 385, 388, 398, 417-9
 Alemanha Ocidental: 20, 25, 362, 403,
 405-6, 413, 419, 452
 Allenstein: 339
 Alpes: 74, 110-1
 Alsácia: 68, 325
 Alta Estíria: 383
 Alta Silésia: 42, 59, 328, 330
 Altstadt: 364
 Altvater, Dr. Wilhelm: 360
 American Joint Distribution Committee:
 241
 Anhalter, estação de: 300, 376
 Anin: 171, 236
 Ansoviči: 190
 Apolda, Túríngia: 97, 100
 Arolsen: 429
 Associação Nacional-Socialista de
 Professores: 74
 Auschwitz: 13, 15, 103, 245-6, 249, 261, 264,
 269, 271, 275, 277, 330-1, 334-5, 360, 405,
 434-6, 438-9, 441, 443, 445
 Austrália: 10, 34, 82, 100, 433
 Áustria: 10, 27, 43, 47, 60, 62, 207, 301-2,
 322, 401, 407, 417, 424, 429, 447, 456
 Axmann, Arthur: 354, 377
- «BOLUŚ» (BENCJON FIRS): 239
 Babi Yar: 187
 Bach, Karl: 87, 192
 Bach-Zelewski, Erich von dem: 192
 Bachmeier, Elisabeth: 95
 Bacon, Yehuda: 15, 245-6, 251, 253, 256,
 261-7, 269, 272-7, 331, 333, 380, 437-9,
 442, 446
 Baden: 77, 348
 Bader, Heinz: 397
 Bad Köstritz: 92
 Bad Polzin: 407
 Baer, Harald: 130
 Baidak, Klimenti Ivanovich: 298
 Baixa Silésia: 334, 407
 Baranoviči, gueto de: 190
 Barth: 370, 392
 Barth, Willi: 129
 Bauhaus: 253
 Baviera: 51, 77, 113, 116, 302, 312-3, 322, 326,
 388
 Bayreuth, Baviera: 312
 BBC: 72, 150, 270
 BDM: 76-7
 Bechtold, Gretel: 39, 63, 199
 Bedynska, Regina: 187
 Będzin: 237
 Beethoven, Ludwig van: 62, 264, 423
 Beevor, Antony: 24
 Belaya Tserkov: 184-5
 Bélgica: 31, 61, 63, 68, 398, 401, 428, 440
 Belžec: 112
 Berchtesgaden: 92
 Berg, Mary: 13
 Bergau, Martin: 15, 22-3, 26, 30, 326, 343-7,
 356-7, 411
 Bergen-Belsen: 453
 Berlim: 11, 15, 24, 30, 32-3, 41, 43, 46-9, 55,
 65-6, 70, 72, 74, 102, 111, 119, 145, 150,
 153, 160, 194, 212, 247, 250, 256, 270-2,
 287-91, 295, 300-14, 320, 325, 327, 334,
 349, 353-4, 367-80, 383-7, 393, 397, 400,
 404, 410, 413-4, 423, 425, 436, 441, 444,
 452
 Bernburg: 110
 Bernotat, Friedrich: 119-20

Berzarin, coronel-general Nikolai: 375, 396
 Bessarábia: 152
 Beuthen: 330
 Bielorrússia: 145, 177, 187, 189, 190, 192, 198, 204, 272, 317-8, 363
 Bielski: 191-2
 Bikková, Edita: 259, 260, 263
 Billwärdler: 282
 Binding, Karl: 116
 Birkenau: 245-6, 249, 253, 261-3, 265, 267, 270, 271-5, 277, 331-2, 335, 434, 437-9, 444-6, 452-3
 Bismarck, príncipe Otto von: 43, 84, 94
 Blaskowitz, general Johannes: 146, 157, 187
 Blum, Waltraud: 126-7
 Blumenfeld, Diana: 175
 Bochum: 64, 78, 287, 310, 394
 Bödecker, Karl-Heinz: 64, 287
 Boémia: 29, 150, 205, 209, 245, 247
 Boldt, capitão Gerhard: 377
 Böll, Heinrich: 25, 454
 Bonaparte, Napoleão: 294, 323, 349
 Bormann, Martin: 73
 Borowa-Góra: 15, 39, 139, 141, 146-7
 Bouhler, Philipp: 110
 Brahms, Johannes: 423
 Brand, Waltraud: 24, 92
 Brandt, Karl: 109-10
 Brandt, Willy: 455
 Brauer, Friedrich: 125
 Braun, Edda: 126
 Braun, Paulina: 175
 Braunsberg: 341
 Braunschweig: 366, 392
 Breitenau: 84-107, 128, 361, 401
 Breitenbach, Ingrid: 399, 442
 Bremen: 181, 183, 201, 301, 397, 432, 449
 Bremerhaven: 449
 Breslau: 48, 295, 327, 330, 334, 350, 359, 440
 Brest: 141, 190, 317
 Brest-Litovsk: 141
 Brieg: 327, 330
 Brigittenhof: 370, 371
 Brill, Rudi: 358, 364
 Brno: 407
 Brockau: 204
 Brodzikowska-Pohorecka, Zofia: 332
 Bromberg: 144, 147, 152
 Brünn: 407
 Buchenwald: 50, 102-3, 435-7
 Buchholz, Ruth: 90
 Büchner, Hannelore: 96-7
 Buchwalde-Senftenberg: 371
 Budapeste: 270, 385, 447
 Bug, rio: 151, 178
 Bukovina: 152, 156
 Bulldog Banks: 434
 Burg: 289, 351
 Burgstadt: 333
 Burlingham, Dorothy: 434
 Burzio, Giuseppe: 270
 CARSTEN, LOTHAR: 15, 283, 296, 448
 Catel, professor Werner: 109
 Central Jewish Historical Commission: 439
 Chamberlain, Neville: 42, 71
 Checoslováquia: 27, 43, 47, 62-3, 263, 398-9, 406, 427, 440, 442
 Cherniakowski, marechal Ivan: 336
 Chmielewski, Stanislaw: 238
 Churchill, Sir Winston: 24, 70, 73, 285-6, 300, 440
 Claudius, Hermann: 350
 Clay, general Lucius D.: 425
 Coburgo: 15, 389
 Colónia: 15, 22, 44, 56, 59, 247, 299, 321-2
 Comissão do Reich para o Registo de Doenças Graves Hereditárias e Congénitas: 109
 Comité Nacional Judaico: 240-1
 Conselho para a Ajuda aos Judeus: 240
 Constance, lago: 458
 Cooper, James Fennimore: 419
 Corti, Dr. Walter Robert: 456
 Cottbus: 334
 Courland, península de: 327
 Coventry: 448
 Cracóvia: 137, 157, 174, 212, 235, 243, 327-8, 330, 441
 Cruz Vermelha: 249, 270-2, 297, 334, 411, 429, 430, 435
 Curzon, Lorde: 440
 Ćwiklice: 332
 Czerniaków, Adam: 224-6, 250
 Częstochowa: 42, 137, 207
 DACHAU: 81
 Dahrendorf, Ralph: 161
 Daladier, Édouard: 42
 Damm, Karl: 370
 Dangel, Dorothea: 60, 342
 Dann, Sophie: 434
 Danzig: 151-3, 303, 320, 336, 339-40, 342-3, 346-7, 357
 Danzig-Prússia Ocidental: 152-3

Darmstadt: 282, 320, 397
 David, Janina: 15, 170-1, 221, 232-3, 241, 432
 David, Mark: 229
 Deçice: 157
 de la Camp, Lothar: 308
 Diachenko, capitão: 339
 Dicker-Brandeis, Friedl: 253
 Dieppe: 318
 Dietmar, Gertrud: 124, 130
 Dinamarca: 31, 47, 63, 342, 401, 428, 440
 Dirrigl, Hermine: 386
 Dmowski, Roman: 172
 Dobruja: 152
 Donauwörth: 402
 Dönitz, almirante Karl: 362
 Dornfeld: 193
 Dresden: 24, 72, 74, 110, 303, 333, 362, 430, 446
 Droysen, Saxónia: 314
 Duisburg: 321, 357, 361, 365
 Dunquerque: 61
 Dusseldorf: 78, 395, 411
 EAST END: 69
 Ebeling, Erwin: 310
 Edelstein, Arieh: 276
 Edelstein, Jakub: 247, 250, 271, 276
 Egger, Paul: 128
 Ehrenburg, Ilya: 335
 Ehrenfeld: 299, 322
 Ehrich, Lore: 328, 341-2, 344
 Eichberg: 118, 127, 133
 Eichmann, Adolf: 249, 438
 Eichstätt: 182
 Eifel: 39
 Eisersdorf: 58, 198, 216
 Eisinger, Valtr: 252
 Elberfeld: 24
 Elbing: 339
 Ellerhaus: 344
 EMI: 423
 Enzersdorf: 313
 Eppstein, Dr. Paul: 271
 Erfurt: 92
 Eric: 171, 232-3, 241-2, 432-3
 Essen: 32, 40-2, 45, 47, 73, 75-6, 78, 208, 286, 288-9, 295-8, 301, 308, 314, 320, 364, 397, 443
 Esser, Hermann: 359
 Estados Unidos da América: 21, 101, 212, 317, 360, 364, 405, 410, 415
 Estaline, Joseph: 367, 375, 385-6, 440
 Estalinegrado: 187, 249, 300, 303, 318, 376
 Estugarda: 72, 103, 198, 324-5, 367, 405, 425, 447, 450
 Exército Vermelho: 22-5, 28, 140, 142-3, 177, 180, 190, 202, 204, 250, 269, 272, 317, 326-7, 331-2, 335-6, 339-40, 344-47, 359-60, 371, 374, 378-80, 383-5, 406, 408, 424, 432
 FALENICA: 236
 Fechner, primeiro-tenente Fritz: 62
 Feldafing: 427
 Felsmann, Ruth: 87, 101
 Femina, Teatro: 175
 Feyler, Helga: 390
 Fitzherbert, Katrin: 11
 Flakhelfer: 283-4
 Floresta Negra: 35, 57, 198, 447
 Föhrenwald: 426-7, 434, 447
 Ford: 56
 Forte X: 202
 França: 21, 31, 40, 42-3, 47, 57, 62-4, 68-9, 71-2, 79, 104, 177-8, 317-8, 398, 401, 415, 428, 433, 440, 456
 Francónia: 308, 358
 Frank, Anne: 453-4
 Frank, Hans: 157, 212
 Frankfurt: 46-7, 72, 93, 110, 308, 320, 333, 406, 429, 438
 Franklová, Liliane: 254-5, 257, 263
 Franková, Anita: 9, 11, 445
 Freimut, Karl Otto: 124, 130
 Frente de Trabalho Alemã: 65, 356
 Freud, Anna: 434-5
 Freud, Sigmund: 252, 434-5
 Freystadt: 407
 Frick, pastor Constantin: 118
 Friedeburg in der Neumark: 78
 Friedrich, Jörg: 24
 Friedrichsfeld: 68
 Friedrichshagen: 290-1, 368-9, 384, 414
 Frisches Haff: 339, 340, 342
 Fritta, Bedřich: 245
 Fuhrman, Kalmin: 275-6, 438-9
 Fürth: 358
 Furtwängler, Wilhelm: 423
 GABINETE CENTRAL DE SEGURANÇA DO REICH: 101-2, 212-3, 247-8
 Galícia: 152-3, 193, 440
 Games, Sonia: 159
 Gdynia: 14, 242, 336, 340, 347
 Gebhardt, Hertha von: 373-5, 384
 Geislauren: 362

Gelsenkirchen: 73
 Gerber, Maria: 93
 Gerdauen: 344
 Gestapo: 44, 92, 104-5, 112, 144, 146, 148, 162, 174, 216-7, 221, 225, 321-2, 344, 361, 452
 Gève, Thomas: 15, 48-9, 52, 65, 70, 334, 435-9, 457
 Ginzová, Eva: 261
 Gizella, Zygmunt: 156
 Glass, Martha: 256
 Gleiwitz: 330
 Glezer, Rikle: 215
 Globočnik, Odilo: 157, 212
 Glogau: 330
 Gneisenau, general August-Wilhelm: 350
 Goebbels, Joseph: 21, 43, 46, 116-7, 146, 193-4, 200, 211-2, 291, 303-9, 312, 323, 324-5, 349-51, 359, 362, 369, 376, 388, 415, 419, 451
 Goering, Hermann: 45, 70, 125
 Goes, Albrecht: 419
 Goethe, Johann Wolfgang von: 56, 95, 252
 Gollancz, Victor: 395-6
 Gorodišče: 190
 Grã-Bretanha: 72, 432
 Grafeneck: 110-1
 Grande Depressão: 87, 100, 116, 394
 Grass, Günther: 24, 454
 Graudenz: 195-6, 346
 Greiner, Hermann: 387, 389
 Greiser, Arthur: 157
 Greven: 68
 Grimm, Anneliese: 89
 Groag, Willi: 261, 263
 Grohé, Josef: 44
 Groscurth, tenente-coronel Helmut: 185-7
 Gross Rosen: 435-6
 Grossschweidnitz: 112
 Grötzsch, Helga: 390
 Guerra Fria: 25, 388, 431-2, 457
 Günther, Margarethe: 126
 Günzel, Liselotte: 15, 194, 210, 289-91, 297, 303-4, 314-5, 351, 368, 383-4, 413, 419, 450
 Gusev, D.N.: 330
 Guxhagen: 107, 361

HAAS, LEO: 245
 Hadamar: 93, 110-4, 118-21, 125-7, 134, 212, 360
 Haffner, Dr: 335
 Häfner, SS-Obersturmführer August: 184, 186

Hagen: 310, 313, 347
 Hagener, Herbert: 347
 Halle: 67, 72
 Haltern: 358, 365
 Halvesum: 411
 Hamburgo: 15, 24, 32, 40, 51-2, 71-4, 119, 150, 198, 216, 256, 281-6, 291, 293-5, 297-9, 301-2, 304, 307-8, 312, 314, 320, 325-6, 348, 366-7, 379, 389, 447, 451, 458
 Hamm: 282, 284, 364
 Hanau, Tribunal de Menores de: 83
 Hanf, Vaclav: 206, 430-1
 Hanfová, Anna: 206
 Hanke, Karl: 327
 Hanôver: 72, 101, 361, 363-4
 Harlan, Veit: 349, 351
 Harnack, Hans Jürgen: 51
 Harris, Arthur: 286
 Hart, Kitty: 439
 Hartheim: 110
 Hauptmann, Dora: 345
 Havel, rio: 377, 379
 Heidelberg: 20, 266
 Heiden, Friedrich: 313
 Heilbronn: 320
 Heiligenbeil: 340-1, 344
 Heilsberg: 339
 Heinrich, Willi: 419
 Heitmann, Jürgen: 364
 Hela: 347
 Helm, major Erwin: 363
 Hempel, Wolfgang: 11, 410, 442, 444
 Hephata: 129
 Hercberg, Salomon: 174
 Herdecke: 78
 Hermand, Jost: 160-1
 Hesse: 84, 91, 113, 308, 401, 412
 Hesse-Nassau: 113
 Heydebreck: 266-7, 273
 Heydrich, Reinhard: 101, 205, 245, 247, 430
 Hilbert, Gero: 333
 Hildesheim: 361, 412
 Hilfrich, bispo Antonius: 111
 Himmler, Heinrich: 101, 103, 120, 146, 204-5, 211, 248-9, 255, 272, 277, 349, 406
 Hindenburg: 59, 330
 Hirsch, Fredy: 263-4, 267, 446
 Hitler, Adolf: 20, 29, 31-4, 42-3, 45-6, 49, 54, 62-3, 69-75, 81, 86, 97, 109-10, 112, 118, 122, 125, 133, 137, 139, 140, 145-7, 151, 157-8, 177, 180, 187, 193, 196, 203, 209, 212, 250, 286, 300, 303-5, 312, 317-8,

322-3, 345, 353, 355, 358-63, 369, 380, 404, 413, 415-6
 Hoffmann, Albert: 313
 Hoffmann-Fischel, Hanna: 265-6
 Höfle, SS-Sturmbannführer Hermann: 226
 Hohendorf: 337
 Hohenfelde: 282
 Hohenleuben: 91
 Hohensalza: 160
 Holanda: 46, 60-3, 68-9, 123, 196, 428, 440
 Holocausto: 10, 13, 23-7, 35, 444-5, 448, 455
 Holzhausen, Harald: 295-6
 Homberg: 93
 Hrabar, Roman: 429, 432
 Hungria: 142, 323, 398, 406, 427, 456

IALTA: 440
 Idstein: 114, 360
 Inglaterra: 10, 17-8, 21, 40, 42-3, 45-7, 50, 52, 62, 64, 70-3, 125, 303-4, 306, 312, 314, 318, 390, 415, 433, 436
 Ingwert, Jürgen: 334
 Instituto de Biologia Racial e Criminal: 102
 Instituto Estatal de Higiene Mental: 441
 International Tracing Service: 431
 Israel: 10, 25-6, 224, 274, 415
 Iv'e: 190

JÄGER, SS-STANDARTENFÜHRER KARL: 185, 211, 214
 Janina: 15, 39, 139, 141, 146-7, 159, 167, 170-1, 221, 229, 232-3, 237-8, 241-3, 332, 432-3, 454
 Jerusalém: 23, 214, 438
 Jesau: 344
 Jodl, general Alfred: 362
 Johann: 273, 456
 Johnson, Uwe: 454
 Jones, Elijah: 423
 Jülich: 395
 Jungmädelbund: 52-3
 Jungvolk: 29, 51-2, 56, 64, 75, 160, 284, 296, 394
 Justin, Eva: 102-3, 406
 Juventude Hitleriana: 13, 15, 22, 29, 33, 44, 51-6, 58, 64-5, 69-7, 83, 116, 154, 156, 159, 160-1, 197, 201, 207-8, 210, 283-4, 296, 298-9, 321, 326, 334, 344-5, 351, 353-8, 361, 364, 369, 371-7, 379-80, 390-1, 394, 411, 413, 419, 421, 448-9, 455

KADEWE: 49
 Kahlberg: 340-1
 Kaiserslautern: 360
 Kalisch: 152, 204-7, 327, 430
 Kalisz: 432-3
 Kalmehof: 114, 127, 360
 Kaltenbrunner, Ernst: 248
 Kaplan, Chaim: 161, 165, 169, 225-6
 Kardorff, Ursula von: 270, 296, 349, 384
 Karski, Jan: 174-5
 Kashira: 183
 Kassel: 11, 84, 87, 104, 291, 361, 367
 Katharinenhof: 133
 Katowice: 429
 Kattowitz: 152, 330
 Katyń: 324
 Kaufmann, Karl: 282
 Kaufmann, Sabine: 295
 Keitel, marechal-de-campo Wilhelm: 362
 Kempe, Alfred: 122, 129
 Kiel: 72, 308
 Kielce: 424
 Kinderlandverschickung: 74
 Kirst, Hans Helmuth: 419
 Kladno: 205
 Klajman, Izak: 237
 Klajman, Jack: 169
 Klein, Alfons: 113
 Klein, Melanie: 435
 Klein-Wesenberg: 395
 Kleinottweiler: 364
 Klemperer, Victor: 307
 Klimmer, Heinrich: 85, 107
 Klingbeil, Helga: 361, 364
 Kloster, Haina: 94
 Klüger, Ruth: 251, 258, 272
 Klukowski, Dr. Zygmunt: 236
 KLV: 74-5, 77, 160, 208, 326, 333-4, 347, 351, 374, 394, 449
 Koch, Karl-Heinz: 128-9
 Koidanov: 179
 Kolb, Werner: 355
 Kolberg: 347, 349-51
 Konev, marechal Ivan: 327-8, 336
 Königsberg: 55, 336-7, 340, 343-4, 346, 350, 368, 450
 Konitz: 143-4
 Konrad: 117
 Konstantinovka: 198
 Kopecky, Dr. Jaromir: 270
 Korczak, Dr. Janusz: 220-2, 224, 227-9, 250, 257
 Körner, Wilhelm: 350, 449, 455

Kovanicová, Anna: 269, 272
 Koźniewski, Kazimierz: 162
 Kragau: 346
 Krause, Emmi: 83
 Kraussen: 345
 Kremsier: 75-6, 208
 Kreuzberg: 49, 376
 Krumbach: 58, 63
 Krupp: 73, 109, 288
 Krzemieniec: 142
 Kuckuk, Otto: 206, 431
 Kuhlmann, Charlotte: 337, 339
 Kühnholz, Günter: 313
 Kulka, Otto Dov: 264, 267, 273
 Kurowski, pfarrer: 199
 Kursk: 300, 420
 Küstrin: 353

LACHOVIČE: 190
 Landau, Kalman: 435-9, 456-7
 Landau, Ludwik: 174
 Landau, Nelly: 234-5, 241
 Landsberg: 427
 Langemarck: 63
 Langer, Klaus: 47
 Lar Infantil de Betânia: 126
 Laudan, Peter: 399
 Lautenbach: 358
 Lavesum: 357, 365
 Lederer, Vítězslav: 271
 Legião Condor: 62
 Leipzig: 109, 112, 195-6, 290, 334, 349
 Leipzig-Dösen: 112
 Lemberg: 186, 324
 Lenz, Rudolf: 78
 Levas, Meir: 216
 Levi, Primo: 445
 Lewinson, Janina: 233, 237-8, 454
 Lichtwarck: 284
 Lidice: 205-6, 430, 431
 Liebeneier, Wolfgang: 117
 Lieberstein: 365
 Liegnitz: 330
 Liese: 40, 42, 53, 326
 Liga das Raparigas Alemãs: 29, 52-4, 76, 153-4, 156, 159, 201, 205, 209, 309, 351, 419
 Liga dos Estudantes: 29
 Linden, Frau Wally: 118, 131
 Linz: 110, 302, 358
 Lippstadt: 360
 Lipszyc, Jacob: 188
 Lituânia: 142, 156, 211, 214

Litzmannstadt: 14, 151, 217
 Livingstone, Maureen: 434
 Łódź: 14-5, 137, 139, 148-52, 156, 166-7, 169, 174, 177, 202-6, 211, 213, 217, 219, 231, 247-8, 327, 331, 344, 429, 430
 Loewe, Lothar: 373, 379
 Logelbach: 68
 Lohne, Ludwig Heinrich: 360
 Lohse, Hinrich: 213
 Londres: 10-1, 17, 32, 69, 72, 174, 270, 318
 Lorenz, Willi: 121
 Loslau: 330, 332, 334
 Lubelska, Wanda: 167
 Lubien, Marion: 42
 Lublin: 157, 212-3, 335, 433
 Lübow: 310
 Lucerna, festival de: 423
 Lüdtke, Helga: 11
 Luftwaffe: 41, 45, 63, 69, 287, 299-300, 302, 372, 392
 Lukas, Karl: 313
 Lüneburg: 52, 360
 Luxemburgo: 31, 63
 Lwów: 150, 180, 186, 193, 234, 324, 440
 Lydia: 170-1, 233, 241-2, 432

MAGDEBURG: 290, 320
 Mährisch Ostrau: 262
 Mainz: 287
 Majdanek: 248, 335, 337, 345, 433
 Mannheim: 367
 Mar Báltico: 340
 Marburgo: 86, 110, 126, 360
 Mariendorf: 423
 Marienwerder: 337
 Märkisch Friedland: 346
 Marne, rio: 138
 Marr, Sigrid: 293
 Marysin: 169, 202
 Maschmann, Melita: 153-4
 Masur, Norbert: 250
 Maurer, Helga: 370, 392, 395
 Mauthausen: 333, 380, 436
 May, Karl: 234, 419
 Meclemburgo: 383, 386, 392, 411
 Meggesheim: 78
 Meierhofer, Dr. Marie: 457-8
 Melsungen, hospital de: 87
 Meltzer, Ewald: 133
 Mendelssohn, Felix: 51
 Mennecke, Friedrich: 116, 119
 Menuhin, Yehudi: 423
 Mers-el-Kebir: 69

Meseritz-Obrawalde: 113
 Meyer, Christoph: 58
 Michelowski, Alexander: 207
 Mickiewicz, Adam: 172
 Minden: 194
 Ministério da Agricultura: 201
 Ministério da Educação: 75, 312
 Ministério da Justiça: 107
 Ministério da Propaganda: 359
 Ministério do Interior: 119, 205, 433
 Ministério do Leste: 213
 Ministério dos Negócios Estrangeiros: 271
 Ministério do Trabalho: 65
 Minsk: 179, 190, 211, 247-8
 Mir: 187, 189
 Missão Interna Protestante: 118, 411
 Model, marechal-de-campo Walter: 363
 Mohrunen: 339
 Montefiore, Leonard: 433
 Morávia: 29, 150, 205, 209, 245, 247
 Moringen: 101-2, 120
 Morrell, Theo: 133
 Mühlsteinová, Maria: 258, 263
 Müller, Filip: 267-70, 277, 331-2, 380
 Müller, Heinz: 357, 365, 411
 Münchehofe: 369
 Munique: 43, 51, 72, 92, 194, 247, 304, 308
 Münster: 73, 111, 178
 Münsterland: 112, 117, 365
 Muralha Ocidental: 40, 323
 Murer, Franz: 216
 Museu Judaico de Praga: 9, 445
 Mussolini, Benito: 286, 300

NAGEL, ANNI: 89-90, 97-8, 100-1
 Natzweiler: 325
 Nauen: 379, 404
 Naugard: 312
 Navajos: 299
 Nehrung: 340-4
 Neisse, rio: 398
 Nemmersdorf: 324
 Neuengamme: 284, 296, 298
 Neue Wache: 444
 Nienstedt: 365-6
 Niethammer, Lutz: 198, 447
 Nitsche, Paul: 112
 NKVD: 143, 180, 199, 216, 324, 345, 431, 453
 Normandia: 287, 299, 317-8
 Norte de África: 300
 Noruega: 31, 63, 68-9, 79, 428, 440

Nossa Senhora Negra de Częstochowa: 207
 Novogradok, gueto de: 191
 NSDAP: 340
 Nuremberga: 47, 50, 92, 105, 416, 431

OBERDORF: 364
 Oberhausen: 362
 Oberweis, castelo de: 207
 Oder: 346, 353, 368, 380, 385
 Oder, rio: 327, 330, 333, 336, 347, 398, 407
 Oneg Shabbat: 226
 Operação Bagration: 317
 Operação Gomorrah: 286, 308
 Oppeln: 330
 Oranienburg: 312
 Organização Nacional-Socialista de Assistência ao Povo: 74-5, 208, 330, 334, 394
 Orwell, George: 72
 Oslikovskiy, N.S.: 339
 Osnabrück: 15, 64, 68, 78, 83, 367, 390
 Osterode: 339

PABIANICE: 138, 204
 Palestina: 224, 424-6
 Palmnicken: 15, 22, 30, 326, 343-5, 346
 Papen, Franz von: 33
 Paris: 46, 50, 62, 68, 317
 Partido Trabalhista Judaico: 241
 Pavlenko, Pavel Vasilievich: 284, 296
 Pawiak, prisão de: 225, 230
 Pestalozzi, Johann Heinrich: 309, 456
 Pfahl, Ilse: 75, 208
 Pfandl, Karl: 384, 447
 Pfannmüller, Hermann: 116
 Pfeil, Waltraud: 87, 92, 101
 Pflaum, Herbert: 91
 Pillau: 340, 343, 346
 Pines, Dinora: 445
 Piotrków, Kujawski: 147, 171
 Piratas Edelweiss: 15, 298-9, 321-2
 Pladek, Janina: 432
 Plöchl, Edgar: 307, 383
 Pochev: 182
 Polesie: 142
 Pollak, Ella: 251-2
 Polónia: 14, 23, 25-6, 29, 31, 39-43, 45, 59, 62-4, 85, 110, 112, 138, 140-9, 151, 155-7, 159, 162, 164-5, 171, 175, 178, 187, 190, 194, 196, 202, 204, 211, 213, 236, 303, 325, 334, 355, 398-401, 406, 417, 424-5, 427-30, 432-3, 440-1, 456

Pomerânia: 41, 77, 78, 110, 113, 158, 310, 312, 313, 336, 339-40, 346-48, 356, 411
 Pomssen: 109
 Ponar, floresta de: 214-5, 231
 Posen: 14, 66, 152-3, 156, 207, 333, 350
 Potulice: 156
 Poznań: 14, 137, 430
 Prag: 326
 Praga: 9-11, 208, 218, 251, 253, 261, 433, 443, 445
 Prenzlauer Berg: 372, 374, 376-9, 384, 386, 391, 397, 404
 Preussisch Holland: 339
 Primeira Guerra Mundial: 17, 31, 39-41, 43-4, 48, 54, 60, 74, 81-2, 115, 119, 142, 154, 209, 307, 336, 353, 370, 398, 401, 417
 Prússia Ocidental: 142-4, 152-3, 195, 327, 347
 Prússia Oriental: 15, 22, 24, 30, 41, 55, 60, 77, 119, 301, 303, 324-6, 328, 336-40, 343, 346-8, 356, 371, 374, 383, 385, 458
 Przybylska, Wanda: 15, 146, 171, 236, 238
 Pulver, Bertha: 22-3, 345
 Puschkau: 206
 Pyritz: 346
 RAF: 45, 63, 69-70, 112, 281-3, 285-7, 290-1, 296, 300, 302, 305, 320, 361
 Rastenburg: 60, 342
 Ratibor: 330
 Ravensbrück: 102, 112, 197, 205, 430
 Redlich, Egon: 263
 Reich-Ranicki, Marcel: 25
 Reichstag: 40, 42, 44, 137, 151, 212, 376
 Reimann, Ruth: 350-1
 Reinhardt, Angela: 406
 Reinickendorf, Berlim: 441
 Reissner, Carola: 45, 73, 78
 Renânia: 27, 119, 150, 195, 298, 304, 355, 360
 Rengersdorf: 58
 Reno, rio: 39, 43, 57, 68, 114, 140, 348, 359, 360-2
 Reuss, Dr.: 185
 Rheinfelden: 436
 Ribbentrop, Joachim von: 140, 362
 Riga: 211, 247, 248
 Ringelblum, Emmanuel: 175, 226
 Rippin: 144
 Ritter, Professor Robert: 102, 406
 Rivne: 440
 Robert R.: 178, 180-1, 183-4
 Roessler, Wilhelm: 419
 Roma: 270
 Roménia: 140, 142, 196, 398, 406, 427
 Roosevelt, Franklin D.: 367, 440
 Rosenberg, Alfred: 193, 213
 Rosenberg, Walter: 270
 Rossel, Dr. Maurice: 271-2
 Roterdão: 69, 448
 Roth, Rosemarie: 123-4
 Rothenburgsort: 282, 284
 Royal Air Force: 24
 Royal Navy: 69
 Rügenwalde: 310, 313, 347
 Rumkowski, Chaim: 202, 219
 Rundstedt, marechal-de-campo Gerd von: 187
 Rur: 27, 32, 73-4, 78, 286, 298, 302, 305, 308, 320, 357, 360-1, 363, 388
 Ruzyně: 433
 Rybnik: 335
 SA: 297-8, 321, 341, 373
 Salzburgo, festival de: 423
 Samland, península de: 22, 326, 340, 343, 345-6, 356
 Sandomierz: 157
 Sassnitz: 206
 Sauerbier, Georg: 85-6, 103, 361
 Saxónia: 32, 109, 113, 133, 196, 314, 327, 333, 351, 368
 Scherer, Liselotte: 89, 105-6
 Scheuern-bei-Nassau: 118
 Schippenbeil: 344
 Schirach, Baldur von: 75
 Schleswig-Holstein: 392, 395
 Schlink, Barthel: 321-2
 Schloss Bruningslinden: 425
 Schloss Streben: 309, 333
 Schmölln: 91
 Schopisdorf: 410
 Schramm, Rudolf: 89-91
 Schwartz, Renate: 310, 333
 Schwarz, Angela: 405
 Schwarzhuber, SS-Obersturmführer: 273
 Schweidnitz: 330
 Schypulla, Monika: 326
 Seidel, Agnes: 366-7
 Seidel, Klaus: 15, 281-5, 293
 Serrailier, Ian: 457
 Serviço de Trabalho do Reich: 64, 153, 355-7, 365
 Serviços de Trabalho: 65, 196
 Shakespeare, William: 71
 Shenker, Ben Tsion: 230
 Shirer, William: 41

Shkola Imeni Dostoevskovo: 252
 Sibéria: 412
 Siebenbürgen: 313
 Sierakowiak, Dawid: 15, 137-9, 148, 150, 151, 172, 177, 203, 213, 218, 443
 Sievert, Dierk: 13, 15, 49, 56, 64, 68, 78, 83, 326, 390
 Silésia: 24, 41-2, 59, 160, 277, 327-31, 334, 337, 356, 374, 385, 398, 407, 409, 429, 440
 Simon, tenente-general Max: 363
 Slenders, Herta: 60-1
 Slonim: 190, 201
 Smolensk: 177, 345
 Sobibór: 212, 226, 248
 Sochaczew: 138
 Sonnenstein: 110
 Spandau: 55, 367-8, 377, 379
 Srokowski, Stanislaw: 165
 SS: 22, 24, 29, 66, 72, 92, 102, 104, 110, 112, 116, 119, 144-6, 149, 151-3, 157, 166, 184, 185-7, 192-3, 198, 204-6, 211-3, 215, 226, 229, 232, 236, 239, 246-53, 255, 260, 262-77, 294, 298, 310, 323, 327-8, 330-2, 335, 342, 344-46, 355-7, 362-4, 366-7, 372, 374, 376-8, 390, 407-8, 420, 429-31, 436-8, 440, 443, 448, 452
 St. Georg: 282
 Stadthagen: 365
 Stargard: 310, 346
 Stasi: 26
 Stauffenberg, Claus: 322
 Steinerová, Jiřina: 259-60, 262
 Steinhoff, Hans: 353
 Stepień-Bator, Zofia: 332
 Stettin: 290, 310, 346, 367
 Stiassny, Josef: 252, 257
 Stolp: 347
 Streicher, Julius: 50
 Stutthof: 340, 342, 344, 445
 Suábia: 62, 102, 405
 Swadosh, Joanna: 228
 Szawernowski, Andrzej: 237
 Szczeczeszyn: 236
 Szuman, Professor Stephan: 441
 TEREZÍN: 9, 14, 261, 407
 Teutoburger, floresta de: 365
 Thadden, Eberhard von: 271
 Theilen, Fritz: 15, 56, 298-9, 321
 Theresienstadt: 9, 14-5, 35, 245-50, 254-65, 269-73, 275-7, 333, 407, 434, 437-9, 442-3, 445
 Thiele, Katrin: 17, 21, 23
 Thorn: 152, 156
 Timm, Karl-Heinz: 198
 Timm, Uwe: 15, 216, 294, 389, 420, 446
 Többens, Walter C.: 230
 Todt, Karl: 118-9, 131, 355
 Tolkemit: 339
 Traben-Trarbach: 417
 Traupel, Wilhelm: 116
 Treblinka: 212, 225, 230, 240, 248, 255
 Tribunais Especiais: 300
 Tribunal da Tutela Legal: 93
 Tribunal de Saúde Hereditária: 93-4
 Tschenschow: 42
 Turíngia: 40, 53, 97, 365-6, 379
 UCKERMARK: 101-2, 120
 Ucrânia: 145, 196-7, 317-8, 363, 424, 440
 Uhse, Beate: 391
 Ulbricht, Walter: 388
 UNESCO: 427, 457
 Ungar, Otto: 245
 Ungerer, Tomi: 68
 União Social-Cristã: 388
 União Soviética: 21, 23, 29, 140, 143, 145, 152, 177, 182, 189, 195, 201, 204, 209, 211, 238, 294, 299-300, 317-8, 323, 340, 391, 396, 398, 412, 417, 424, 439, 440
 United Nations Relief and Rehabilitation Administration: 427
 UNRRA: 427, 429
 Unterthurnbach: 322
 VAN DER LEYEN, RUTH: 101
 Varsóvia: 13, 15, 23, 25-6, 30, 39, 42, 69, 137-41, 148, 150, 157-9, 161-5, 167-9, 170-4, 194, 202, 213, 217, 220-1, 226, 228-9, 231-3, 238-9, 241-3, 250, 257, 327, 383, 408, 432-3, 441-3, 448, 455, 458
 Vaticano: 270
 Vedder, Gisela: 312
 Verdi, Giuseppe: 62
 Viena: 11, 22, 85, 247, 384-5, 387, 389-91
 Villinger, Werner: 101
 Vilna: 14, 214-7, 231, 247, 266, 317, 452
 Vilnius: 14
 Vinnitsa: 324
 Vístula, rio: 138, 164, 317, 327, 336-7, 339-40, 347
 Vitebsk: 317
 Völkel, Alfred: 113, 119
 Von Galen, conde Clemens August: 111-2, 116-7, 178

Von Reichenau, marechal-de-campo

Walter: 185-7

Vrba, Rudolf: 270, 272

WAGNER, HELLA: 401

Wagner, Richard: 62, 401

Wahlmann, Dr. Adolf: 113, 360

Walb, Lore: 20-3, 26, 30, 32, 36, 455

Wannsee: 213

Warburg, Miriam: 426-7, 434, 447

Wartheland: 66, 151-2, 157-8, 160-1, 204-6,

302, 309, 327, 330, 333, 429, 432

Wattenberg, Miriam: 13, 15, 138, 141, 148,

165, 167-8, 171, 220-1, 225, 230,

250, 383

Wehlau: 337

Wehrmacht: 17, 41-2, 62, 119, 140, 144,

148-9, 177, 180-2, 186, 202, 204,

299-300, 317-8, 320, 323, 327-8, 331,

337, 339, 340, 346, 348-50, 354-8, 362-3,

366-8, 372, 375, 379, 380, 390, 394, 411,

415, 420, 432

Weidling, general: 378

Weimar, República de: 50, 70, 99, 101, 253,

454

Weinreb, Zygmunt: 243

Weissmuller, Rudolf: 455

Weissová, Ilona: 257-8, 263

Wenck, General: 376-7

Wenzel, Janek: 431

Werra, rio: 366

Weser, rio: 365

Wilno: 14

ZONA DE OCUPAÇÃO: 388, 396-7, 402

TESTEMUNHAS DA GUERRA

FOI COMPOSTO EM CARACTERES HOEFLER TEXT E
IMPRESSO PELA GUIDE, ARTES GRÁFICAS, SOBRE
PAPEL BESAVA DE 80 GRS, NUMA TIRAGEM DE 2000
EXEMPLARES, EM OUTUBRO DE 2007.